

NOTA TÉCNICA

ARBORIZAÇÃO DO CAMPUS DA UEFS: EXEMPLO A SER SEGUIDO OU UM GRANDE EQUÍVOCO?

*José Raniere Ferreira de Santana **

*Gilberto Marcos de Mendonça Santos***

RESUMO — *No presente trabalho, são apresentadas algumas considerações sobre aspectos da arborização no Campus Universitário da Universidade Estadual de Feira de Santana e sugestões para a implantação, nesse local, de um programa de arborização, mais criterioso e dentro de normas técnicas.*

PALAVRAS-CHAVE: *Paisagismo; Arborização; Manejo de Plantas.*

ABSTRACT — *This paper presents some aspects of arborization of the Campus of the Universidade Estadual de Feira de Santana. Within the frame work of technical recommendations, suggestions are offered for criterious arborization program.*

KEY WORDS: *Landscape; Urban Forestry; Plant management.*

INTRODUÇÃO

Por princípio, a convivência de árvores e redes de utilidade tem por objetivo servir aos cidadãos, facilitando sua sobrevivência nas grandes cidades, sendo ambos fundamentais para a melhoria da qualidade de vida. Assim, o espaço físico deve ser distribuído de forma a permitir que árvores e redes (aéreas

*Prof. Assistente do Dep. de Ciências Biológicas. Prof. de Fisiologia Vegetal, Engenheiro Agrônomo, Mestre em Agronomia. E-mail: raniere@uefs.br

**Prof. Assistente do Dep. de Ciências Biológicas. Prof. de Ecologia Vegetal, Engenheiro Agrônomo, Mestre em Agronomia. E-mail: gmms@uefs.br

ou subterrâneas) cumpram suas funções de forma harmoniosa, o que só é possível quando são respeitadas suas respectivas necessidades de espaços físicos. Temos que lembrar que as árvores não são estáticas e, ao serem plantadas, exigem planejamento, a fim de se evitar danos futuros.

De acordo com OLIVEIRA e CASTELO BRANCO (1996), a ausência de um planejamento oficial que acompanhe e condicione o crescimento das cidades, substituindo e repondo as áreas verdes urbanas, conduz a uma situação terrível na maioria das cidades, situação que tende a se agravar, pelas constantes agressões às áreas de preservação ambiental.

Os atuais nichos humanos tendem à homogeneidade, desde os elos inferiores da cadeia alimentar, com a agricultura e pecuária cada vez mais uniformes a moradias, que muito pouco se diferenciam uma das outras. A natureza e a humanidade caminham numa mesma direção, porém, em sentidos opostos, a natureza, à entropia, aumentando a diversidade de formas e a humanidade, à utopia da uniformidade.

Na escolha da espécie para arborizar, o gosto pessoal deve ser sempre colocado em segundo plano, em relação às necessidades da coletividade. Características botânicas da espécie vegetal, arquitetônicas e paisagísticas do local a ser arborizado, devem nortear a escolha da planta.

O bom senso e o gosto pessoal não são critérios para escolha de espécies arbóreas. A escolha de uma árvore deve ser baseada em critérios técnicos, algumas espécies vegetais causam tantos transtornos à comunidade e estão tão destoantes com o ambiente do semi-árido que jamais deveriam ser plantadas. Dentre uma lista extensa, algumas merecem especial destaque: *Eucaliptus* spp (eucaliptos), *Schizolobium parayba* (guapuruvu), *Ficus* spp (figueiras em geral), *Delomix regia* (flamboyant), *Pinus* spp (pinheiros), *Terminalia catappa* (amendoeira), *Prosopis juliflora* (algaroba).

Esta nota objetiva despertar e promover a participação da comunidade nas ações de escolha, plantio e conservação de árvores no Campus da UEFS, numa tentativa de minimizar algumas ações negativas do passado.

SITUAÇÃO ATUAL DA ARBORIZAÇÃO NA UEFS

Não é concebível o plantio de árvores inadequadas às condições de semi-árido e de paisagem urbana numa Universidade instalada no semi-árido e com paisagem urbana. A falta de planejamento da arborização da UEFS é tal, que várias árvores jovens, algumas ainda com copa em formação, sofrem podas absurdas devido à sua posição de plantio totalmente equivocada, perto de construções e/ou sob redes elétricas.

Fica claro que vários fatores influenciam na escolha de árvores para arborização pública, uma planta mal escolhida que poderia até vir a ser uma boa planta de jardim, sem dúvida, traria muito mais gasto de energia para sua manutenção que a planta ideal para aquela condição. Exemplos, bem conhecido de plantas mal escolhidas é a utilização do *ficus* e do *flamboyant* na arborização urbana de várias localidades do semi-árido baiano.

O *flamboyant* é uma árvore belíssima, em ambientes costeiros e de chuvas regulares, fica realmente majestosa, tem raízes tabulares que a tornam apta a viver nesses ambientes por vezes alagados, entretanto, nem mesmo nesses ambientes constitui uma espécie recomendável para arborização urbana, uma vez que as raízes que lhe garantem a vida quebram calçadas e paredes. Em Feira de Santana, cidade de clima seco, o *flamboyant* continua trazendo os problemas de rachaduras, sem, contudo, conseguir ficar bonita, seria como esperar que o mandacaru floresça belo em regiões de clima frio e úmido. Um *flamboyant*, para ficar bonito na caatinga, exige uma quantidade incrivelmente grande de água, um recurso por vezes escasso em áreas semi-áridas.

O *ficus* constitui outra árvore problema, devido a seu crescimento rápido e sua folhagem sempre brilhante, vem conquistando admiradores. Não obstante essa planta seja um organismo desestabilizador feroz, derrubando árvores, muros e calçadas, seus defensores argumentam que o *ficus*, se podado regularmente, pode ter seu crescimento regulado o que, sem dúvida, diminuiria, sem, no entanto, cessar os danos causados por suas raízes.

Em municípios próximos, como Salvador, é comum pedidos de corte ou extermínio de plantas mal escolhidas que, quando adultas, causam problemas. Duas árvores, no caso, se distinguem: a gameleira (figueira) e o *flamboyant*.

É, no mínimo, lamentável como tentamos uniformizar os ambientes, reproduzindo, na caatinga, a arborização urbana de localidades temperadas, quando seria mais fácil e ecologicamente correta a utilização de plantas nativas, tão belas, como, sibipiruna, pau-ferro, angico, aroeira e tantas outras.

Existem várias espécies vegetais apropriadas para arborização urbana, é óbvio que a indicação das espécies varia com as situações: uma pata de vaca que fica belíssima e perfeitamente harmoniosa em calçadas e vias públicas não traria efeitos positivos num estacionamento aberto onde se deseja sombra abundante.

Entre as diversas espécies aptas a serem utilizadas na arborização de áreas no semi-árido lembramos algumas: *Bauhinia forticata*, *Hibisco rosa-sinensis*, *Murraya exotica* (murta); *Caesalpinia pyramidales* (catíngueira), *Bauhinia variegada* (pata-de-vaca), *Licania tomentosa* (Oiti) *Caesalpinia peltophoroides* (sibipiruna), *Peltophorm dubium* (cana-fístula), *Tabebuia* spp (ipês).

Em uma universidade, em que o caráter educacional e preservacionista do projeto de arborização deve ser pensado como diretriz básica, é recomendável a utilização de plantas da Caatinga, evitando, sempre que possível, a utilização de espécies exóticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Arborizar é uma tarefa complexa, pois existem muitas variáveis a serem consideradas, o gosto pessoal e o bom senso por si só não são suficientes para um planejamento de arborização urbana.

No Campus da UEFS, até por se tratar de um Centro Acadêmico, é recomendável a utilização de espécies nativas da Caatinga baiana que, além de belas, estão aptas à vida em ambiente xeromórfico.

A UEFS deve tomar a responsabilidade do exemplo de arborização urbana em ambientes semi-áridos. É fácil verificar em várias localidades, inclusive em nosso Município, equívocos na escolha de espécies.

As árvores do Campus Universitário devem ser identificadas, o mais rápido possível, obedecendo as normas de classificação botânica, o que, sem dúvida, contribuirá para o conhecimento e preservação de espécies autóctones importantes.

AGRADECIMENTOS

A Professora Nora Nei Alves Santos pela leitura crítica do manuscrito e a dois revisores anônimos que deram sugestões importantes.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

OLIVEIRA, P.M.S. de, CASTELO BRANCO, A. Arborização do Município de São Paulo. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE ARBORIZAÇÃO URBANA, 3., Salvador (Ba), *Anais...* 1996, p.177-183.